



KARL MARX E FREDERICK ENGELS: PERTINÊNCIA E IMPACTO DE SUAS IDEIAS PARA A SOCIEDADE DO SÉCULO XXI

Giovana Bianca Darolt Hillesheim*

A obra mais recente do historiador Eric Hobsbawm é uma compilação de seus livros editados entre 1956 e 2009 acerca do desenvolvimento e impacto póstumo das ideias de Karl Marx e Frederick Engels na configuração política e econômica da sociedade. Em *Cómo cambiar el mundo* o autor espera ajudar o leitor a refletir sobre o futuro da humanidade no século XXI apresentando a história e a recepção das ideias de Marx e do marxismo.

O desafio de Hobsbawm (2011) é oferecer subsídios para que o leitor reflita sobre a pertinência ou superação das teorias de Marx para a atualidade. Deste modo, inicia sua análise lembrando ao leitor o inegável alcance da teoria de Marx para sociólogos das mais diversas linhas teóricas. É vasto o séquito teórico que rende reconhecimento a Karl Marx, tido como o pensador mais influente do século XX, cujas ideias inspiraram partidos políticos e grupos revolucionários.

Embora tenha ciência de que o marxismo vai muito além da militância política, é por este caminho que Hobsbawm transita em sua obra. O autor ressalta que apesar da queda do comunismo na URSS e da constatação de que os regimes comunistas, indiano e chinês, não mais partilham dos ideais marxistas, são duas razões por ele atribuídas para o ressurgimento de Marx no século XXI: o fim do marxismo oficial na URSS, liberando Marx de uma identificação com o Leninismo e a inegável semelhança entre o mundo capitalista globalizado que surgiu a partir de 1990 com o mundo antecipado por Marx no *Manifesto comunista*, publicado em 1848.

Na visão do autor, o Marx do século XXI é muito diferente do Marx do século XX, pois, no século passado, o que as pessoas pensavam sobre ele estava centrado em três eixos: 1. a divisão entre os países que se encontravam ou não em revolução; 2. a bifurcação da herança marxista em social-democrata e revolucionária; 3. a crise do capitalismo do século XIX,

* Mestranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Pesquisadora do Observatório da Formação de Professores para o Ensino da Arte – Brasil/Argentina. Pesquisadora do grupo de pesquisa Educação, Arte e Inclusão (Udesc). Professora da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Alto do Vale do Itajaí (Unidavi) e professora da rede pública estadual de ensino de Santa Catarina.

quando muitos acharam que o capitalismo não iria se recuperar e seria substituído por uma economia socialista.

Para Hobsbawm, o juízo que fazemos hoje do marxismo não se sustenta no pensamento original de Marx, mas em interpretações póstumas de suas obras. Marx nunca pronunciou que o socialismo seria superior ao capitalismo, tampouco que o capitalismo tinha alcançado os limites de sua capacidade para aumentar as forças de produção; o que ele, de fato, disse foi que o ritmo irregular do crescimento provocaria crises periódicas que, cedo ou tarde, gerariam conflitos sociais. Por conseguinte, não é de estranhar que o socialismo estivesse associado a Karl Marx, todavia o projeto de uma economia socialista não é especificamente marxista. Hobsbawm é enfático em afirmar que esse projeto, em seu formato, está morto e não ressurgirá, afinal, a economia socialista, sobre a qual Marx não disse nada de concreto a respeito, quando posta em prática na Rússia Soviética depois da revolução, foi, em grande parte, improvisada, imitando as economias de guerra da Primeira Guerra Mundial.

Ainda segundo Hobsbawm, o recente debate sobre o neoliberalismo econômico e o papel das empresas públicas e do Estado também não é nem um debate marxista ou socialista; tal debate não tem precedentes. Por outro lado, Marx continua, por meio de suas obras, sendo uma grande força em três aspectos: 1. pensador econômico; 2. historiador e analista; 3. fundador, juntamente com Durkheim e Max Weber, do pensamento moderno sobre a sociedade. Na visão de Marx, segundo Hobsbawm, o capitalismo era uma modalidade historicamente temporal da economia humana e sua análise do *modus operandi*, sempre em expansão e concentração, previa crises e autotransformação.

Qual é a transcendência de Marx no século XXI? Em *Cómo cambiar el mundo* o autor lembra que o modelo soviético de socialismo já não existe e, por outro lado, julga ter havido uma enorme e acelerada globalização e capacidade humana de gerar riquezas. Isso teria reduzido o poder e o alcance do Estado para controlar o crescimento econômico. Por conseguinte, fica também reduzida a autonomia dos movimentos social-democratas que forçam reformas aos governos nacionais, levando-nos à extrema desigualdade econômica, acarretando novo elemento de catástrofe ao ritmo cíclico da economia capitalista.

Em sua análise, Hobsbawm ressalta ainda haver quem não passou do reino da necessidade para o reino da opulência. A espetacular expansão da economia global tem minado o controle do crescimento econômico. Para ele há um conflito entre recuar ou ao menos controlar o impacto de nossa economia sobre a biosfera e os imperativos de um mercado capitalista: crescimento máximo em busca de benefícios.

Nossa capacidade produtiva tem permitido, pelo menos potencialmente, que a maioria da humanidade passe do reino da necessidade ao reino da opulência, educação e inimagináveis opções de vida, embora grande parte da população mundial não tenha ingressado neste mundo (HOBBSAWM, 2011, p. 21).

Em sua pesquisa teórica, Hobsbawm refaz a trajetória política de Marx e Engels. Ambos chegaram relativamente tarde ao comunismo e, apesar de alguma familiaridade com as fundações comunistas, não está claro até que ponto estas teriam influenciado Marx ou Engels. A posterior formação da teoria socialista difere da palavra "comunista", que sempre significava um programa; o termo "socialista" era basicamente analítico e crítico, utilizado para descrever aqueles que mantinham uma ideia particular da natureza humana e, portanto, da sociedade humana; apesar de muitos movimentos se autodenominarem "socialistas", pode-se perceber ambiguidades, gerando correntes distintas.

Na década de 1830 o termo "socialista" se associou com a remodelação da sociedade, seus partidos incluíam reformas sociais. Por conseguinte, podem-se distinguir dois aspectos do socialismo primitivo: 1. o crítico, derivado dos pensadores do século XVIII e uma análise da sociedade calcada na revolução; 2. o pragmático, que exerceu maior influência sobre Marx, com propostas para uma nova economia baseada na cooperação e numa intensa reflexão sobre a sociedade que se deveria criar. Segundo Hobsbawm, era esta a reflexão que interessava a Engels e Marx. Durante a década de 1840, a política, a economia, a filosofia, a experiência francesa, britânica e alemã, e o socialismo e o comunismo utópico, se fundiram e se transformaram na síntese marxiana.

Muitas obras de Marx tratam de problemas políticos. Marx e Engels desempenharam um importante papel na política prática, mas nunca lideraram ou pertenceram a partidos políticos. Eles acreditavam na dissolução final do Estado e na necessidade de um Estado (proletário) transicional, assim como na necessidade de planejamento e administração social, pelo menos no primeiro estágio do comunismo (socialismo). O Estado, como tal, foi definido como o aparato para governar os *homens*; sua sobrevivência poderia ser aceita desde que para governar as *coisas* e, portanto, deixaria de ser Estado. A administração das coisas seria tecnicamente mais simples e menos especializada, assim, tornando-se possível de ser realizada por qualquer cidadão.

Hobsbawm relembra o legado geral de ideias sobre política que Marx e Engels deixaram a seus sucessores: em primeiro lugar, havia a subordinação da política ao desenvolvimento histórico; a vitória do socialismo seria historicamente inevitável em virtude da tendência, prevista por Marx, ao acúmulo de capital que culminaria com a profecia "expropriação dos expropriadores"; e a vitória socialista da revolta da classe trabalhadora, uma classe crescente em número, disciplinada, unida, organizada pelo próprio mecanismo de produção capitalista. Na análise marxista, a expansão do capitalismo consistiria na base para a estratégia política socialista.

Em segundo lugar, era crucial que a classe trabalhadora estivesse organizada politicamente, como um "partido", para a transferência do poder político conforme os limites estabelecidos pela história: eleição, decisão e ação consciente. O critério que diferenciava Marx e Engels

da maioria dos socialistas, comunistas e anarquistas era a crença no papel essencial da política antes, durante e depois da revolução.

Em terceiro lugar viam semelhante política essencialmente como luta de classes. Marx e Engels defendiam o materialismo contra o idealismo; também criticavam a visão de que o Estado estaria acima das classes, que este representaria os interesses comuns da sociedade. Não acreditavam na neutralidade do Estado.

Por último e, até certo ponto, deliberadamente, Marx e Engels deixaram a seus sucessores uma série de questionamentos. Ao se negarem a especular sobre os detalhes da futura sociedade socialista e seus preparativos, deram a seus sucessores somente princípios gerais; não há nenhum guia completo.

Conforme Hobsbawm, Marx e Engels rechaçaram a dicotomia daqueles que queriam substituir uma sociedade má por uma sociedade boa. A teoria marxiana convertida em marxismo representa uma derivação de Marx e Engels, principalmente pelo status clássico e canônico de seus textos. Não representa o que Marx e Engels pensaram e escreveram, e sim somente como atuaram algumas vezes.

Na década de 1930 o marxismo se converteu em uma força considerável entre os intelectuais ocidentais por conta da emigração política massiva. Refugiados políticos corroboraram para a difusão do socialismo e do marxismo. Alerta-nos Hobsbawm que, com o passar do tempo, surgiu uma versão estandardizada do marxismo, sistematicamente exemplificada pela sessão sobre "Materialismo histórico e dialético", proferida por Marx em um curso em 1938. A interpretação de "Materialismo histórico e dialético" que prevaleceu naquele período derivava do marxismo ortodoxo e sua submissão aos rigores do método científico e sua pretensão de interpretar todos os fenômenos do universo por meio do materialismo dialético. O materialismo dialético tinha por objetivo unificar todos os campos do conhecimento e sustentava a existência de um universo racional em contraponto a um universo indeterminado e incognoscível; era, portanto, contrário ao "idealismo".

Hobsbawm salienta que o matrimônio entre "progresso" e "revolução", o "materialismo" e o "marxismo" do século XVIII combinava as certezas das ciências naturais com a inevitabilidade histórica. Desde a década de 1960 os intelectuais marxistas estão imersos em literaturas e debates marxistas. Eles têm acesso a "algo parecido com um gigantesco supermercado marxista e de autores marxistas" (HOBBSAWM, 2011, p. 291). Essa situação tem se tornado ainda mais ampla desde que a educação superior formal integrou o marxismo aos seus currículos de ciências humanas e sociais.

O único teórico posterior a Marx e Engels debatido no livro *Cómo cambiar el mundo* é Antonio Gramsci, pela força de seu compromisso intelectual em debater os problemas da cultura popular ou de qualquer cultura de forma genuína, e não somente por interesse puramente acadêmico. Seu elo com o marxismo era o fato de Gramsci estar interessado no futuro das pessoas, e não somente no seu passado. Interessava-se pelas pessoas comuns que

compõem a humanidade, incluindo a classe trabalhadora e seus movimentos, o futuro das nações e da civilização. Para Hobsbawm é impossível discutir com seriedade qualquer esforço para transformar o mundo sem o pensamento histórico, original, sutil e perspicaz de Gramsci.

Por fim, falar sobre a influência do marxismo seria reconhecer que, no mínimo, suas ideias influenciaram os movimentos trabalhadores e socialistas de grande parte da Europa. Marx e Engels são, na visão do autor, os únicos pensadores nominalmente identificados que alcançaram um *status* comparável aos fundadores das grandes religiões. Os apontamentos finais do livro analisado nos lembram, porém, que, desde o momento em que qualquer conjunto de ideias sobrevive ao seu criador, cessam suas intenções e conteúdos originais. Qualquer corpo de ideias se transforma a partir do momento em que são ensinadas na universidade.

Hobsbawm explica a insólita insistência e recorde de abrangência da teoria marxista por três possíveis razões: em primeiro lugar, o constante ataque sofrido pelo marxismo após a morte de Marx lhe possibilitou uma identificação com os movimentos que lutam contra a manutenção do *status quo* e com os regimes considerados subversivos. Em segundo lugar, o desmoronamento de um único movimento comunista internacional, monolítico e monocêntrico na URSS, mostrando ser possível, e até mesmo desejável, a diversidade de vias socialistas dentro do socialismo, na contramão da visão ortodoxa que continha problemas de ajustes.

Afirma ainda Hobsbawm que o aumento da comunicação entre os setores socialistas e os demais do globo, por meio da imprensa, do turismo e do intercâmbio cultural, influenciou o avanço do marxismo, pois possibilitou o aumento de informações. O autor finaliza lembrando que a essência da crítica do capitalismo é a dificuldade em reconhecer aonde a globalização capitalista nos conduzirá, problema já prognosticado por Marx em 1848. É evidente que o mercado não tem resposta ao principal problema que enfrenta: o ilimitado crescimento econômico cada vez mais tecnológico produz riqueza global, mas à custa imprescindível do trabalho humano e dos recursos naturais do globo. O liberalismo político e econômico não proporcionará a solução para esses problemas, e Hobsbawm (2011, p. 424) sentencia de maneira enfática: "Novamente, é hora de levar Marx a sério".

Diante do que Hobsbawm discorre na obra *Cómo cambiar el mundo: Marx y el marxismo*, o próprio autor, no título, induz a levar em consideração as ideias de Marx para que se obtenha uma reflexão mais apurada sobre o futuro da humanidade no conturbado século XXI.

HOBBSAWM, E. J. *Cómo cambiar el mundo: Marx y el marxismo 1840-2011*. 1. ed. 2. reimp. Buenos Aires: Crítica, 2011. 490 p.